

# CONSTRUÇÃO

## O desafio da especialização

Por

**Catarina Nunes**

**DT 41**

**Junho 2001**

As análises, opiniões e conclusões expressas neste documento de trabalho são da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não reflectem necessariamente posições do Ministério da Economia.

## Ficha Técnica

<b>Título:</b>	Construção O Desafio da Especialização
<b>Autor:</b>	Catarina Nunes
<b>Editor:</b>	GEPE - Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica do Ministério da Economia Rua José Estêvão, 83-A4º Esqº 1169-153 LISBOA gep@mail.telepac.pt www.gepe.pt
<b>Concepção:</b>	Princípio Activo - Projectos de Comunicação e Imagem, Lda.
<b>Impressão e acabamento:</b>	Artecomposta, Lda.
<b>Tiragem:</b>	1 500 exemplares
<b>Edição:</b>	Lisboa, Junho 2001
<b>ISBN:</b>	972-8170-77-7
<b>ISSN:</b>	0875-0157
<b>Depósito legal:</b>	

# Índice

Nota Prévia	5
1. Introdução	7
2. Contexto Internacional	9
2.1 Evolução do Sector da Construção	9
2.2 Factores Determinantes da Evolução do Sector	11
3. A Construção em Portugal	15
3.1 Importância Económica e sua Evolução	15
3.2 A Actividade Produtiva	16
3.3 Condicionantes do Sector	22
3.4 Estratégias	27
3.5 Desafios	29
4. Referências Bibliográficas	31
5. Documentos Publicados	33



## Nota Prévia

Este oitavo documento da série GEPE/Dinâmicas Sectoriais tem como objectivo colocar algumas questões sobre a Indústria da Construção em Portugal, numa óptica dos desafios da sua evolução no contexto da dinâmica europeia e mundial.

É mais um trabalho de uma série alargada de estudos preparatórios de um projecto em curso no GEPE: **a abordagem do(s) Futuro(s)** da economia portuguesa num horizonte alargado.

Regista-se com agrado que, em círculos cada vez mais amplos, vai ganhando espaço, de forma ainda lenta, **uma cultura** geradora de condições que permitam aos decisores públicos e privados reagir aos sinais de mudança em tempo real, de antecipar situações através da análise das tendências pesadas e da captação das condicionantes de futuros possíveis, tendo presente que as mutações ao nível dos mercados, produtos, valores e comportamentos individuais e sociais se sucedem a ritmo acelerado.

Este tipo de abordagem coloca duas questões pertinentes: **O porquê da análise do Futuro** ou futuros, dada a sua imprevisibilidade? **E como fazer** essa abordagem?

Todos temos consciência de que os agentes económicos e as pessoas individualmente tomam decisões hoje que vão condicionar ou influenciar a sua margem de manobra no amanhã.

Daí que a abordagem do(s) futuro(s), na base do conhecimento disponível e organizado e da detecção de tendências e de hipóteses sobre as tendências, possa servir de suporte a um processo de decisão melhor fundamentado que permita preservar valores e interesses que não queremos ver inviabilizados.

Na literatura económica coexistem “caminhos” múltiplos de aproximação ao Futuro, embora nenhum resolva as incertezas sobre os factores determinantes do Futuro e menos ainda sobre a sua importância. Estamos

perante um método de banda larga cuja aplicação é da maior importância porque facilita a estruturação de ideias sobre os assuntos em análise.

Assim, os trabalhos de prospectiva valerão tanto mais quanto os diagnósticos das matérias alvo se constituírem como referência para o estabelecimento de estratégias dos decisores.

O trabalho prospectivo deve, pois, ser conduzido com prudência e ao mesmo tempo com determinação e levado o mais longe possível com vista a direccionar e apoiar a acção dos decisores económicos pois o(s) Futuro(s) pode(m), em grande parte, ser construído(s).

Cabe referir ainda que este tipo de análise está a ganhar algum relevo e a sua importância tem vindo a crescer a nível de grandes empresas e grupos económicos e dos países mais avançados.

Há que entre nós caminhar cada vez mais no sentido do **fomento e da consolidação de uma cultura da prospectiva**, exactamente como base e instrumento de decisão estratégica.

Maio, 2001

João Abel de Freitas

## I. Introdução

A construção é um dos sectores da economia, com uma cadeia de valor muito extensa, porque recorre a uma ampla rede de inputs, proporciona o aparecimento de externalidades positivas às restantes actividades e gera efeitos multiplicadores significativos a montante e a jusante.

A procura dirigida a este sector depende do grau de desenvolvimento da economia, da conjuntura económica e do montante das despesas públicas, ou seja, mais do que, em qualquer outro sector de actividade, a sua evolução depende do montante e das fases de investimentos em outros sectores. Estamos, pois, perante uma actividade tendencialmente pró-cíclica, ou seja, expansões mais marcadas que a economia global em fases positivas do ciclo e recessões mais profundas em períodos negativos, sendo assim, frequentemente denominada o “barómetro” da economia.

Para além da actividade produtiva propriamente dita - construção de residências, de edifícios não residenciais, de engenharia civil e manutenção e recuperação dos três tipos de obra - existem empresas de construção estruturadas numa lógica de grupo económico como tal participando em outras actividades.

O sector da construção procura, assim, ganhar competitividade, reduzir riscos e gerar fundos, para, a cada momento, conseguir responder às mutações da envolvente socio-económica (contexto demográfico, exigências de qualidade de vida e conjuntura económica), dando a devida atenção à informação existente sobre inovação, evolução dos mercados e novas formas de financiamento (Fig. 1), para que tenda a existir uma gestão das empresas adequada às evoluções do mercado.

**Fig. 1**  
**A Actividade da Construção**



O número de empresas nacionais que reúne estas condições é ainda reduzido. Existe, de facto, um problema cultural, consubstanciado numa resistência à cooperação empresarial e na ausência de visão estratégica que tem condicionado uma evolução mais dinâmica.

A consolidação de empresas nacionais a laborar, tanto no mercado interno como externo, passa, no curto prazo, fundamentalmente, pelo desenvolvimento da cooperação entre os diversos intervenientes na actividade de construção. Esta nova forma de actuar contribuirá para obter maior produtividade, mais qualidade, redução de tempos e perdas, o que, no médio e longo prazo, vai proporcionar maior competitividade, tanto a montante como a jusante do sector.



## 2. Contexto Internacional

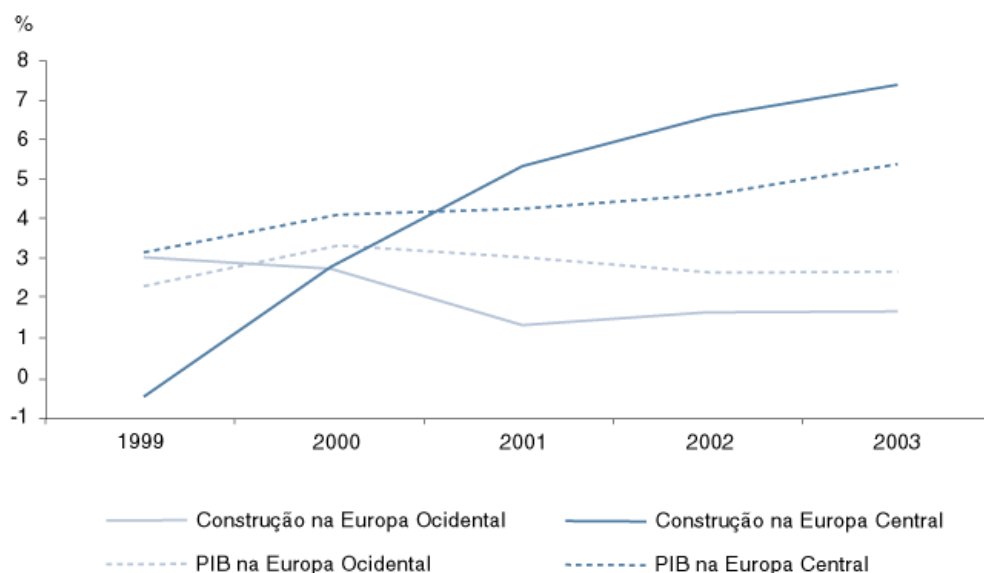
### 2.1 Evolução do Sector da Construção

A construção encontra-se entre os sectores de maior importância económica na produção da União Europeia (UE 15), representando, em 1996, 10% do PIB e 60% da FBCF. Porém, nos EUA e no Japão o peso no PIB é ainda superior, atingindo cerca de 11% e 18% respectivamente.

Para uma breve análise da evolução passada recente e para perspectivar no curto e médio prazo o sector da construção, utilizaram-se os dados do Euroconstruct <sup>(1)</sup>.

Procedendo à análise evolutiva pode-se dizer que, grosso modo, existem na Europa dois grupos de países com comportamentos expectáveis diferenciados (Fig. 2).

**Fig. 2**  
**Taxas de Crescimento - Construção/PIB**



Fonte: Euroconstruct

<sup>(1)</sup> Organismo formado por representantes do sector da construção de 19 países - países da Europa Ocidental (países da União Europeia, à excepção da Grécia, a que se juntou a Suíça) e os países da Europa Central (República Checa, Hungria, Polónia e República Eslovaca).

Enquanto se espera uma evolução muito acentuada nos países da Europa Central, nos restantes países do Euroconstruct a tendência é de alguma estabilidade.

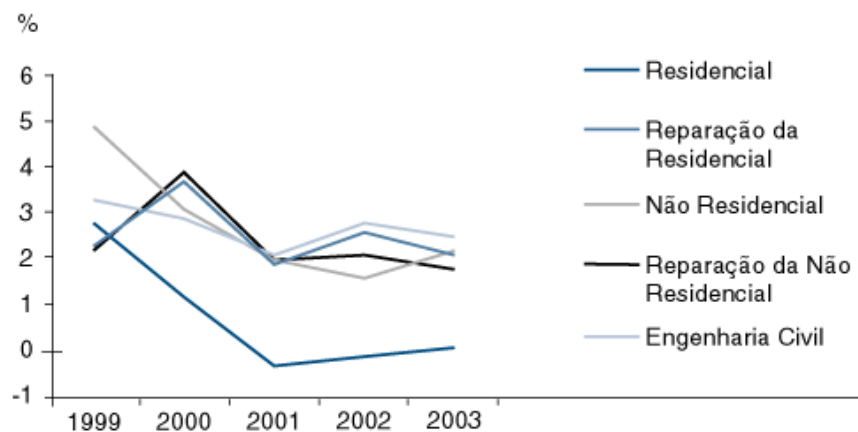
À medida que aumenta o desenvolvimento económico, o peso da construção na economia tende a ser progressivamente menor, dado que a um elevado nível económico corresponde um grau de satisfação considerável em termos de número de obras, o que determina uma menor procura dirigida à actividade da construção e, por conseguinte, um contributo mais moderado para o PIB. É neste processo que se gera também a mudança de estrutura do sector, passando a manutenção/recuperação a adquirir maior importância.

Na Europa Ocidental, o Euroconstruct prevê até 2003 uma evolução do sector da construção inferior à do PIB, não se perspectivando para o período em análise situações de excepção semelhantes à verificada no ano de 1999 em que se verificaram taxas de juro mais baixas, potenciando o crescimento do sector.

Para além dos diferentes comportamentos do sector nos dois grupos de países, há a realçar a diferença existente entre as evoluções dos vários segmentos produtivos.

Destaca-se a previsão de taxas de crescimento significativas nos segmentos da construção não residencial e na engenharia civil que permitirão sustentar o crescimento ainda significativo do sector (Fig. 3).

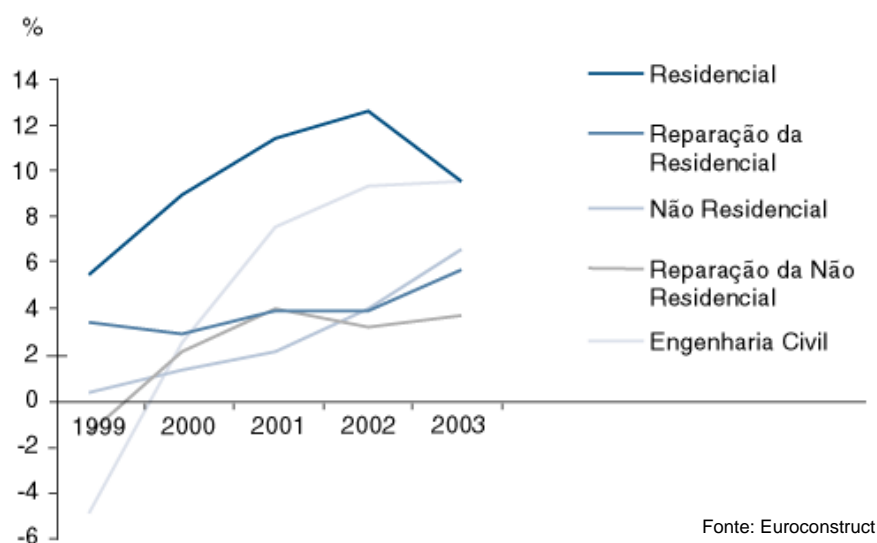
**Fig. 3**  
**Taxas de Crescimento nos Países da Europa Ocidental**



Fonte: Euroconstruct

Nos países da Europa Central, que aquando do alargamento da União Europeia aumentarão o mercado comunitário da construção, a evolução do sector tem sido, e espera-se que continue a ser, superior à evolução da economia, dado o grau de necessidade de novas habitações e engenharia civil (Fig. 4), apesar do crescimento esperado para os outros segmentos produtivos.

**Fig. 4**  
**Taxas de Crescimento nos Países da Europa Central**



## 2.2 Factores Determinantes da Evolução do Sector

O sector da construção é influenciado por inúmeros factores socio-económicos, com destaque para os que a seguir se analisam.

O **comportamento demográfico** que induzirá alterações no mercado da construção, na medida em que existe uma tendência para o envelhecimento da população, com o aumento do peso relativo de pessoas idosas decorrente de uma maior esperança de vida. Por outro lado, as classes etárias mais novas passarão mais tardiamente à vida activa, em consequência de um maior número de anos dedicados à formação. Adicionalmente assiste-se a uma tendência para uma maior diversidade do tipo de estrutura familiar, com dimensões e necessidades diversas. Este tipo de alteração social conduzirá à procura de uma gama mais alargada de habitações com mais conforto em toda a Europa, tendendo-se para que a inovação no segmento residencial e no de manutenção e recuperação se intensifique.

O impacto da evolução demográfica no sector assume ainda uma importância acrescida na medida em que as famílias representam 50% da procura de obras de construção.

Associada à evolução das sociedades encontra-se a crescente valorização da **qualidade de vida**. A preocupação com o ambiente e com o problema do ordenamento do território terá um peso crescente nas decisões dos agentes económicos quanto à escolha do local de instalação.

A nível europeu tende-se para a compra de habitação fora das grandes cidades e para o arrendamento no interior das mesmas, apostando-se em movimentos pendulares diferentes dos actuais. Esta perspectiva do crescimento do arrendamento tem duas componentes bastante positivas: permite a conservação de um património existente nas grandes cidades e a criação de uma "almofada" de protecção ao sector, em períodos menos favoráveis, através da intensificação do segmento da recuperação e manutenção. Ainda relacionada com a crescente preocupação com a qualidade de vida, existirá maior apetência para o investimento em infra-estruturas ligadas ao tratamento de águas, lixos e outros equipamentos colectivos de forma generalizada.

Esta valorização da qualidade de vida potencia a construção, pois exige melhores habitações, mais infra-estruturas públicas de apoio e mais e melhores vias de comunicação.

Outro factor que influencia fortemente o sector da construção é a **conjuntura económica**. Na Europa, a implementação do Euro e a correspondente redução da dívida pública, a desvalorização desta moeda e o aumento do preço do petróleo, criaram constrangimentos que levaram a um controlo orçamental mais apertado, reduzindo a disponibilidade de verbas para a construção, em particular para a engenharia civil e dando origem a menores crescimentos do sector, relativamente ao total da economia.

Perante esta envolvente, o crescimento sustentado do sector da construção dependerá, fortemente, da capacidade de inovação de produtos e processos e das formas como as empresas responderem às alterações sociais em curso.

Esta evolução estrutural do sector só será possível se houver, ao mesmo tempo, uma capacidade de organização eficiente das empresas, de forma a que atinjam uma dimensão empresarial e uma capacidade financeira que potencie a produtividade, criando riqueza e condições para gerar valor acrescentado.

Em última análise, uma empresa de construção tende a assumir, cada vez mais, uma posição de prestadora de serviços, respondendo aos desejos dos seus clientes e oferecendo, de forma personalizada, um serviço completo que integra todas as componentes da realização de uma obra, desde o projecto, passando pela construção propriamente dita e estendendo-se à sua manutenção/recuperação.

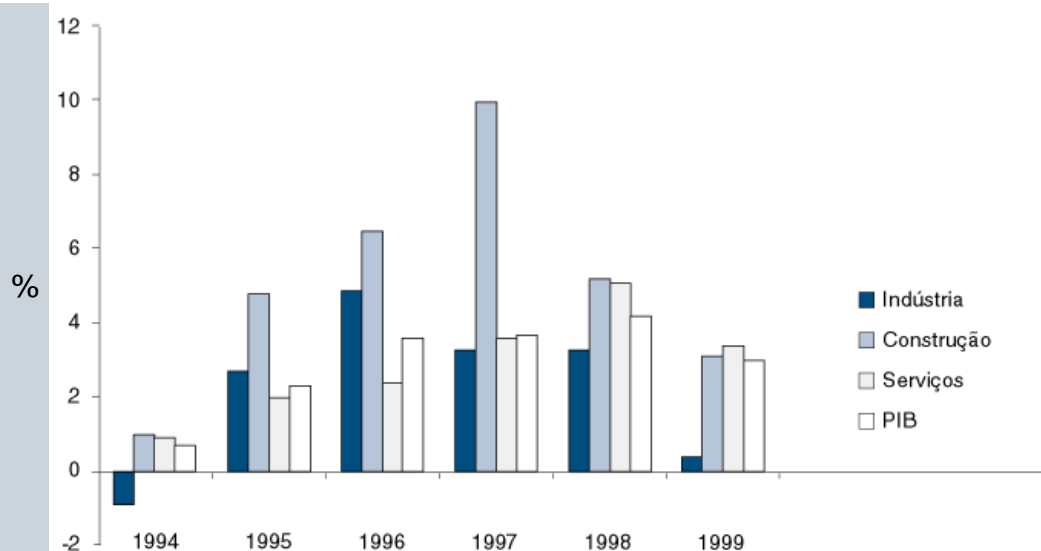


## 3. A Construção em Portugal

### 3.1 Importância Económica e sua Evolução

A indústria da construção em Portugal, à semelhança do que acontece nos outros países, tem elevada importância no conjunto da economia. A taxa de crescimento do VAB apresentou, no período 1994-1999, um comportamento evolutivo mais favorável que o do PIB (Fig. 5), com destaque para o ano de 1997, onde a diferença é bastante acentuada (VAB da construção 10% e PIB 3,7%). Em 1999, registou-se uma aproximação das evoluções, dado o comportamento menos positivo da carteira de encomendas do sector, sobretudo ao nível da engenharia civil. Para 2000 esperam-se valores mais significativos que os verificados para 1999.

**Fig. 5**  
**Taxas de Crescimento do VAB e PIB**



Fonte: Banco de Portugal

Segundo o Euroconstruct, esta indústria deverá evoluir a uma taxa inferior à da economia a partir de 2002 com um crescimento de 2,5%, devido, em particular, à esperada quebra acentuada do segmento residencial.

No período 2000-2003, o sector da construção, segundo a mesma instituição, crescerá, em Portugal, cerca de 3%, taxa que se situará 1,2 pontos percentuais acima da média prevista para a Europa Ocidental (na Europa Central prevê-se um crescimento médio de cerca de 8%).

### 3.2 A Actividade Produtiva

A estrutura da construção em Portugal é significativamente diferente da do conjunto dos restantes países da Europa.

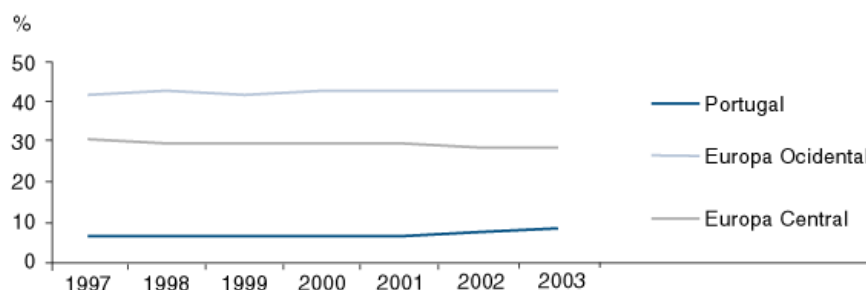
Os segmentos com maior peso na estrutura produtiva, em Portugal, são o residencial e a engenharia civil, enquanto, na Europa Ocidental, predomina a manutenção e a recuperação, diferenças estas que caracterizam estádios de desenvolvimento económico distintos, correspondendo, de algum modo, a uma tendência de longo prazo de aumento do peso da actividade de manutenção e recuperação na estrutura produtiva do sector à medida que se verifica um maior desenvolvimento do país.

As expectativas de expansão do sector, em Portugal, até 2003, têm como fundamento, segundo o Euroconstruct, uma boa *performance* nos segmentos da engenharia civil e da manutenção e recuperação.

Na Europa o segmento da **Manutenção e Reparação** assume grande importância, enquanto em Portugal este segmento ocupa o último lugar da estrutura (Fig. 6), o que fica em muito a dever-se à expansão verificada no segmento residencial nos últimos anos, em detrimento da recuperação do parque habitacional existente.



**Fig. 6**  
**Peso da Manutenção e Recuperação**



Fonte: Euroconstruct

Existem razões históricas e sócio-económicas que explicam estas diferenças muito díspares de comportamento.

Na Europa, em termos médios, a recuperação e manutenção é a componente produtiva mais dinâmica e a que tem registado maiores crescimentos, nos últimos vinte anos, devido a alguns factores concretos, como:

- As crescentes exigências dos consumidores europeus em termos de conforto, segurança e utilização de novas tecnologias;
- O comportamento menos cíclico deste segmento face à conjuntura económica.

Em Portugal, a reduzida expressão e expansão neste segmento produtivo é explicada por vários factores do passado e alguns do presente, destacando-se:

- A forte emigração e exódo rural, não criando potencialidades para investimentos de recuperação;
- A inexistência de mercado de arrendamento, competitivo e atractivo, com realce para as grandes metrópoles (Lisboa e Porto);
- As crescentes facilidades de crédito à aquisição de habitação e mais recentemente a descida das taxas de juro, que potenciaram a construção de habitação;
- “O valor social” da propriedade.

A actividade de Manutenção e Recuperação em Portugal tem, entretanto, registado taxas de crescimento significativas que tenderão a intensificar-se, apesar dos constrangimentos, ainda existentes, ao nível da política de arrendamento.

**Fig. 7**  
**Taxas de Crescimento Anuais (%)**

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
<b>Manutenção e Recuperação</b>	-	9.6	6.4	8.2	7.5	12.1	15.7

Fonte: Euroconstruct, ITIC

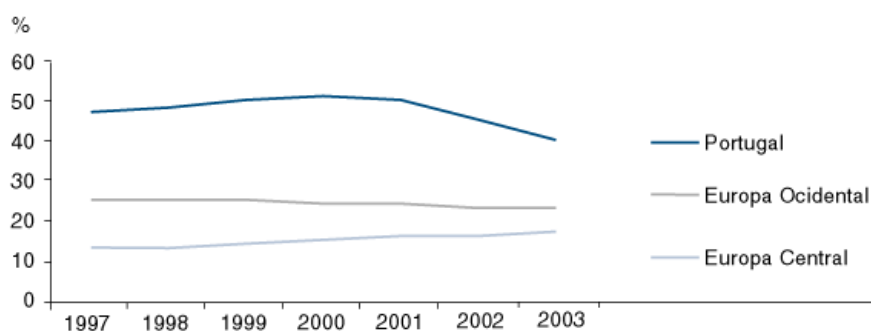
A evolução esperada para este segmento deve-se, especialmente, a uma intervenção premente no parque existente (que inúmeras vezes corresponde a património histórico) e a políticas públicas, como a implementação de programas municipais para a recuperação de zonas históricas, assim como a alguns benefícios fiscais e financeiros de apoio à conservação de edifícios. Esta situação pode ainda ser potenciada pelo facto de existir presentemente um grau de satisfação relativo das necessidades de habitação nova, um aumento dos preços das mesmas e das taxas de juro e uma expansão da segunda habitação que, muitas vezes, corresponde a fogos existentes.

Há a referir, no entanto, que os valores apontados para a Manutenção e Recuperação nem sempre reflectem por completo a realidade, na medida em que existem, por um lado, problemas metodológicos e estatísticos (por exemplo: será que se está a considerar a manutenção e recuperação da engenharia civil e dos edifícios não residenciais, para além das residências?) ligados ao cálculo do mercado de reabilitação e, por outro, obras recuperadas não declaradas, por diversas razões.

Mesmo havendo uma sub-estimação do peso do segmento na estrutura produtiva, não deixa, contudo, de ser gritante o "fosso" entre Portugal e os restantes países europeus, nesta actividade. Para quando uma aproximação aos níveis europeus?

Na comparação de Portugal com os restantes países da UE na actividade dos **Edifícios Residenciais**, o país vai continuar a liderar em termos de peso do segmento da construção habitacional, segundo a Euroconstruct.

**Fig. 8**  
**Peso da Construção Residencial**



Fonte: Euroconstruct

Deverá, entretanto, registar-se um abrandamento no crescimento deste segmento produtivo.

**Fig. 9**  
**Taxas de Crescimento Anuais (%)**

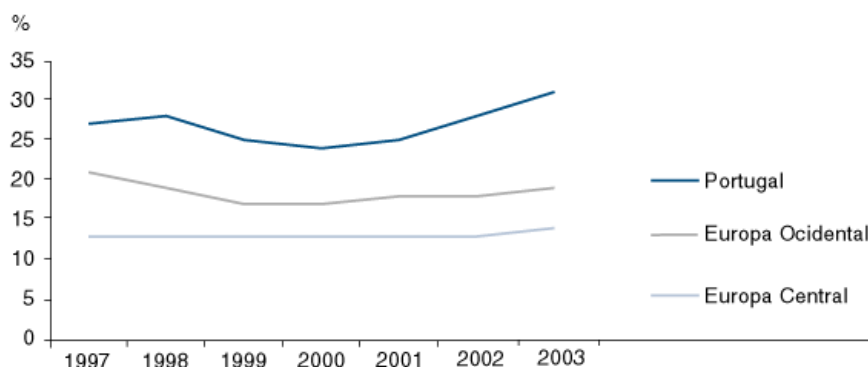
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
<b>Residencial</b>	12.0	8.8	11.0	8.0	2.0	-7.5	-10.0

Fonte: Euroconstruct

A procura de habitação nova que vá ao encontro dos novos padrões de qualidade de vida, a aquisição de segundas habitações, e a construção de fogos ainda necessários para eliminar a carência acumulada de habitação, não compensarão, nos próximos anos, a queda provocada pelo factor de insustentabilidade dos elevados níveis de oferta de novos fogos que tem vindo a verificar-se nos últimos anos.

A **Engenharia Civil** apresentou um comportamento bastante dinâmico desde o início da década de 90. O investimento em novas infra-estruturas, especialmente em vias de comunicação, em que o Estado tem sido o principal cliente e promotor, constituiu o principal impulso neste segmento de mercado, ao qual não tem sido alheio o contributo dos fundos comunitários.

**Fig. 10**  
**Peso da Engenharia Civil**



Fonte: Euroconstruct

Para os próximos anos, espera-se que o segmento da Engenharia Civil conheça um crescimento muito significativo, dado que o III Quadro Comunitário de Apoio (QCA III) permitirá a realização de uma série de infra-estruturas, como a construção do novo Aeroporto, a construção de novos troços de auto-estradas, a modernização da rede ferroviária, a construção da rede de alta velocidade, a construção da terceira travessia rodoviária do Tejo na área da Grande Lisboa, a construção da extensão das redes de gás natural, a barragem do Alqueva e todas as suas infra-estruturas envolventes e, ainda, todas as obras ligadas à melhoria do ambiente como os projectos de água, saneamento e tratamento de lixos, entre outros, onde o papel das autarquias é determinante (exemplo: programa POLIS).

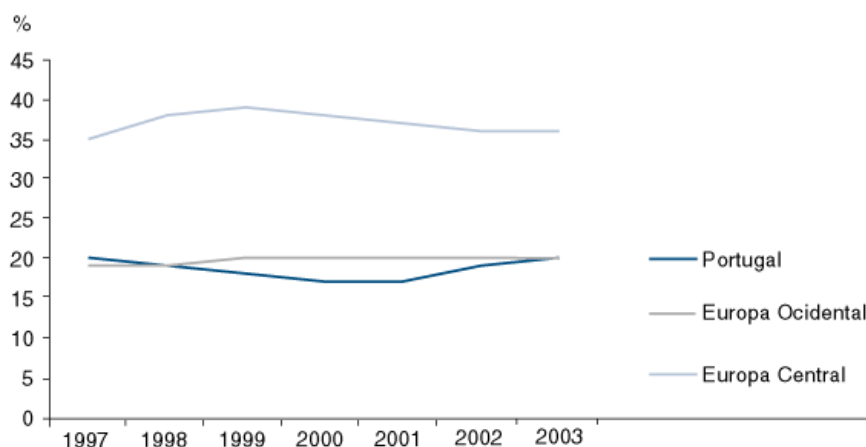
**Fig. 11**  
**Taxas de Crescimento Anuais (%)**

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
<b>Engenharia Civil</b>	15.8	4.8	-1.0	4.5	7.5	14.5	15.0

Fonte: Euroconstruct

A construção de **Edifícios não Residenciais**, cuja parcela mais importante consiste na construção de edifícios privados, nomeadamente industriais, comerciais e instalações para escritórios, representa cerca de 15% da produção do sector e 25% do total dos edifícios construídos.

**Fig. 12**  
**Peso da Construção Não Residencial**



Fonte: Euroconstruct

Num futuro próximo, a produção de Edifícios não Residenciais deverá registar um crescimento considerável, devido, em particular, à realização em Portugal do Euro 2004, com tudo quanto implica de infra-estruturas, à crescente procura de escritórios para serviços e à construção de equipamentos de lazer, que não são alheias às expectativas de alterações sócio-económicas.

**Fig. 13**  
**Taxas de Crescimento Anuais (%)**

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
<b>Não Residencial</b>	11.0	-0.1	-1.5	3.0	5.0	10.0	6.8

Fonte: Euroconstruct

No médio/longo prazo deverá verificar-se um abrandamento no crescimento deste segmento em consequência da esperada aposta na criação de parques de escritórios, inserida na preocupação crescente com o reordenamento do território e com o objectivo de se atingir maior produtividade por m<sup>2</sup>.

A indústria da construção tem assim, pela frente, grandes desafios que se podem traduzir no seguinte: como responder, de forma crescente e adequada aos novos padrões de qualidade de vida – mais conforto, mais e melhores vias de comunicação, mais infra-estruturas de apoio - assim como à preservação do património/ambiente.

Neste sentido, urge às empresas um **reposicionamento estratégico**, que deverá assumir diversas formas de estruturação e de alianças estratégicas, mas onde certamente a especialização, a cooperação, a complementaridade de actividades e a subcontratação serão determinantes para o desenvolvimento do sector.

Para um número de empresas melhor dimensionadas, a internacionalização, as parcerias e as alianças estratégicas a nível nacional e internacional podem constituir outra forma de obter competitividade.

### 3.3 Condicionantes do Sector

O sector da construção, em Portugal, tal como nos restantes países da UE, está assente numa estrutura empresarial onde predominam as pequenas empresas (um estaleiro por cada obra), muitas vezes não especializadas, recorrendo, com frequência, a subempregadas. A par, existe um conjunto de outras empresas de maior dimensão (1%), detendo cerca de 40% do mercado e 20% da mão-de-obra.

**Fig. 14**  
**Impor tância da Dimensão Empresarial (%)**

	Grandes Empresas				PME			
	1995	1996	1997	1998	1995	1996	1997	1998
<b>Empresas</b>	1	1	1	1	99	99	99	99
<b>Volume de Emprego</b>	21	22	23	21	79	78	77	79
<b>Volume de Negócios</b>	39	41	42	39	61	59	58	61

Fonte: INE, Anuário Estatístico de Portugal

Desde 1995 o peso das PME (registadas) tem-se mantido, assim como o emprego e o volume de negócios, já que se está a analisar um período de conjuntura favorável. Em períodos menos expansionistas, estas variáveis conhecem alguma contracção.

Sendo o mercado das empresas portuguesas, o mercado regional ou nacional, estando a economia portuguesa a passar por uma conjuntura favorável à construção e esperando-se para 2006 uma contracção do mercado interno, poderá dizer-se que urge uma adaptação da dimensão empresarial através da modernização das empresas.

Essa modernização deverá ter por base a qualidade - passando pela antecipação das exigências dos clientes - e investimentos ligados às novas técnicas, aos novos materiais e ao planeamento articulado das obras entre os diversos intervenientes.

A **mão-de-obra** a laborar nestas empresas tem características específicas, as quais constituem um grande constrangimento. Neste sector de actividade a maioria das empresas ainda é mão-de-obra intensiva e que se caracteriza pelos seguintes aspectos:

- Peso elevado de mão-de-obra masculina, jovem, em alguns casos clandestina;
- Mais de metade dos trabalhadores com uma qualificação incipiente;
- Elevada precariedade de emprego;
- Elevada rotatividade (mais de 70% dos trabalhadores tem menos de 4 anos de antiguidade na empresa);
- Remunerações inferiores à média nacional;
- Elevada sinistralidade, por deficientes condições de segurança no trabalho.

Outra condicionante consiste em estar-se perante trabalhos cíclicos, o que proporciona a existência de um número reduzido de pessoas no quadro inibindo a formação. Com efeito, para as empresas, não faz muito sentido formar pessoas que rapidamente se transferem para outra empresa. Esta situação é também desmotivadora para os próprios trabalhadores.

Concretamente, apenas 13% das empresas do sector investem em acções de formação. Os tipos de formação mais procurados são a informática e qualidade, aplicações técnicas e formação relacionada com a higiene, saúde e segurança.

Presentemente existe uma grande dificuldade em conseguir formandos e formadores, sendo, desde já, extremamente difícil criar uma “raiz” de mão-de-obra qualificada.

Como consequência, a produtividade da mão-de-obra do sector é difícil de avaliar, dado que emprega, ainda, um volume significativo não contabilizável.

No entanto, dado o baixo nível de qualificações, associado a um deficiente dimensionamento da tecnologia (tecnologia não adaptada às necessidades), a uma fraca inovação nos métodos de trabalho utilizados, a uma deficiente qualidade dos projectos, a uma ausência de standardização assim como de uniformização e normalização de produtos e a uma deficiente gestão de stocks, os dados disponíveis parecem sustentar que a produtividade gerada pelo sector é, em geral, menor que a média nacional.

**Fig. 15**  
**Produtividades**

	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>
<b>Total Nacional</b> (mil contos)	3566	3636	3790
<b>Sector da Construção</b> (mil contos)	2919	2546	2609

Fonte: INE, Anuário Estatístico de Portugal

Esta tendência manter-se-á até que as condições do mercado o permitirem. A existência de uma elevada concorrência entre empresas nacionais e estrangeiras conduzirá a um processo de reestruturação do sector, onde certamente as menos dinâmicas tenderão a desaparecer.



Uma forma de colmatar o problema da qualidade de mão-de-obra no sector, a curto prazo, será através da criação de um plano de formação específico formando um núcleo de mão-de-obra especializada através de cursos técnico – profissionais. Paralelamente, deverá existir uma formação, continuada no tempo, de gestores, empreiteiros, chefes de obra e operários, sem a qual não será possível constituir um mercado com produtos de qualidade, com uma boa relação preço/qualidade, diversificado, entregues dentro do prazo contratado.

Assim, parece ser de apostar nos recursos humanos em duas vertentes concretas: a formação profissional e a melhoria das condições de trabalho e segurança.

Os **materiais de construção** utilizados no sector da construção têm várias proveniências, salientando-se os produtos com maior peso na estrutura das obras:

- Cimento e produtos derivados, betuminosos e pré-fabricados;
- Ferro, aço e alumínio;
- Tijolo e produtos de barro vermelho, os pavimentos e revestimentos em cerâmica e os sanitários;
- Madeira (aglomerados, pavimentos e revestimentos);
- Vidro;
- Rochas ornamentais;
- Tintas e plásticos;
- Lubrificantes e asfaltos.

Existe uma forte dependência entre o sector da construção e todos os que lhe estão associados, tanto a montante como a jusante, sendo necessária uma constante difusão e gestão da informação e uma cooperação empresarial, no sentido de se obterem sinergias e, conseqüentemente, maior competitividade.

Entretanto, existe uma forte condicionante que envolve todo o sector, o **ambiente**, na medida em que se relaciona com a actividade produtiva, com o produto acabado e com os materiais incorporados nas obras.

Na actividade de construção, salienta-se o aspecto visual e o ruído. Têm vindo a ser desenvolvidos mecanismos para minorar estes dois aspectos: a vertente visual tem sido melhorada com a aplicação de revestimentos decorativos, de vários materiais, sendo utilizados, muitas vezes para publicidade de vária ordem; o ruído tem vindo a ser minorado com algum desenvolvimento das técnicas e das tecnologias empregues na própria actividade.

Ao nível do produto acabado, colocam-se igualmente problemas de poluição visual, na medida em que existem falhas no cumprimento das regras urbanísticas de ordenamento do território.

No que se refere aos materiais incorporados nas obras, a tendência é para que se utilizem cada vez mais materiais recicláveis. No médio e longo prazo, a reciclagem de materiais tenderá a ser uma constante, na medida em que se espera ser muito mais dispendioso deitar fora do que reciclar. As empresas que dominarem as tecnologias de reciclagem de detritos na construção terão um grande mercado a explorar.

Assim, para que se possa responder às exigências de qualidade de vida, dos diferentes agentes económicos e para que o ambiente seja um aspecto não condicionador do crescimento do sector deve intensificar-se, o cumprimento de normas de construção, nomeadamente do regulamento das condições térmicas e sísmicas dos edifícios e de directrizes dos planos de ordenamento territorial, sem esquecer a utilização crescente de materiais de construção recicláveis.

Com a aposta na modernização das empresas e na reestruturação dos recursos humanos criam-se condições para um aumento do valor acrescentado do sector, logo maior capacidade financeira permitindo, com maior facilidade, responder às exigências dos mercados.

## 4 Estratégias

É possível apontar diversas estratégias para o sector da construção, porém dada a estrutura produtiva do sector em Portugal, optou-se por concentrar a análise no tipo de estratégias relacionadas com a dimensão das empresas.

**Fig. 16**  
**Estratégias para o Sector**



Para as grandes empresas ou grupos de empresas, com possibilidades de entrar em consórcios internacionais, dada a dimensão, visão estratégica e capacidade financeira que têm, um dos grandes desafios é a **internacionalização**.

O conceito de internacionalização, porém, assume neste sector contornos particulares; o produto resultante desta actividade não é de um produto exportável mas sim uma forma avançada de estar no mercado.

A concretização desta estratégia passa por formas distintas de abordagem dos mercados que dependem em muito da própria vocação das empresas. Ou seja, podem apostar em mercados que lhes sejam próximos culturalmente (América do Sul, Moçambique, Norte de África), apesar de algumas debilidades de nível económico e financeiro, ou ir para mercados como os europeus por razões estratégicas e de evolução tecnológica.

A União Europeia tem definidas, à partida, as condições a que os mercados públicos têm de obedecer. Todos os projectos a partir de determinada envergadura passam por concursos públicos e isso implica que as empresas de todas as nacionalidades, que operam nesse meio, estão a fazê-lo, num ambiente também de competitividade a nível internacional, quer concorram isoladas ou em consórcio.

Se uma empresa nacional ganhar o concurso, seja para construir em Portugal ou em outro país europeu, é porque tem capacidade concorrencial num mercado exigente.

As pequenas e médias empresas, porque não dispõem de dimensão empresarial e financeira que lhes permita penetrar em mercados internacionais, poderão, se bem estruturadas, actuar nesses mercados pela via da subcontratação. Esse caminho da subcontratação ficará facilitado, se houver uma forte **especialização** que permita uma garantia de qualidade em determinadas fases dos projectos e de cumprimentos de prazos.

Existe ainda uma **outra forma de especialização** que passa por as empresas responderem a necessidades de mercados específicos, como a recuperação e manutenção de edifícios, sendo uma área de negócio com elevada potencialidade para ser rentável e indispensável.

Na estrutura produtiva do sector coexistem todos os tipos de empresas. Nas empresas de pequena e média dimensão, poderá desenvolver-se um “saber fazer” específico e redes de cooperação apresentando condições para disputarem o mercado em condições mais competitivas.

A cooperação/subcontratação que possa existir entre as empresas nacionais, qualquer que seja a sua dimensão, será tanto mais facilitada quanto mais informação houver sobre as respectivas competências, o que por sua vez aumentará a competitividade e a oferta de projectos integrados.

### 3.5 Desafios

Conjuntamente, verificam-se evoluções diferenciadas consoante o segmento produtivo em análise. A engenharia civil e a habitação nova são segmentos produtivos mais sensíveis ao comportamento macroeconómico do que, por exemplo, o segmento da manutenção/reabilitação, que aumenta com a redução da taxa de expansão da construção nova (resultante do acréscimo de preço), com a expansão da segunda habitação (muitas vezes correspondente a fogos existentes) e com a introdução de políticas públicas de apoio à manutenção/recuperação.

As empresas portuguesas não têm ainda grande experiência, neste último segmento, pelo que a dinâmica maior pode levar ao aparecimento de concorrentes externos, melhor apetrechados.

**O reforço das condições conducentes a uma maior coesão económico-social** é um objectivo sócio-económico que passa também pela construção de infra-estruturas de base para melhorar acessibilidades e tornar o território nacional mais atractivo em termos de investimento. As empresas nacionais do sector da construção estão a deparar-se no mercado com empresas de outros países e para serem bem sucedidas deverão a sós ou em parceria preparar-se para uma resposta em tempo e em qualidade, o que passa sobretudo por uma organização e por um planeamento em que a experiência nacional não tem dado boas provas.

A **internacionalização** de algumas das grandes empresas nacionais é também um desafio porque permite a penetração em mercados emergentes, contactos, experiências e, normalmente, a criação de parcerias estratégicas. Desta forma, poder-se-á gerar riqueza de forma tangível (introduzindo no país parte do valor acrescentado criado) e intangível (trazendo inovação no seu sentido mais lato), podendo dizer-se que o sector da construção tem potencialidades sinérgicas importantes.

A **especialização em manutenção/recuperação**, sobretudo nas PME que têm mais potencialidades dada a flexibilidade que possuem, permite, igualmente, evoluir na cadeia de valor.

Tanto na via de especialização como na via de internacionalização o estabelecimento de **redes de cooperação entre empresas** (grandes, PME ou grupos de empresas) permitirá uma ligação entre empresas que potencia posicionamentos no mercado mais competitivos.

Assim, qualquer que seja a aposta empresarial – internacionalização e/ou especialização - a **formação e a difusão e gestão da informação** são determinantes para manter a relevância deste sector na economia.

## 4. Referências Bibliográficas

IAPMEI (1998), Diagnóstico do Sector da Construção e Eixos de Intervenção

INOFOR (1999), Construção Civil e Obras Públicas em Portugal

Banco de Portugal (1999), Relatório Anual

ANEOP – Associação Nacional de Empreiteiros de Obras Públicas (2000),  
A Internacionalização das Empresas da Construção

Euroconstruct (2000), The Outlook for the European Construction Sector:  
2001-2003

## **Agradecimentos**

Observatório da Construção e em especial:

Eng. Rita Varandas – IAPMEI

Dr. Pais Afonso – ITIC

Dr. António Manzoni - ANEOP



## 5. Documentos Publicados

- DT 1  
Nov. 96 **Política de Concorrência e Política Industrial**  
António Nogueira Leite (esgotado)
- DT 2  
Dez. 96 **Transformação Estrutural e Dinâmica do Emprego**  
Paulino Teixeira (esgotado)
- DT 3  
Jan. 97 **Ética e Economia**  
António Castro Guerra (esgotado)
- DT 4  
Mar. 97 **Padrões de Diversificação dos Grupos Empresariais**  
Adelino Fortunato (esgotado)
- DT 5  
Maio 97 **Estratégias e Estruturas Industriais e o Impacto da Adesão à Comunidade Europeia**  
António Brandão; Alberto Castro; Helder de Vasconcelos (esgotado)
- DT 6  
Jun. 97 **Têxteis, Vestuário, Curtumes e Calçado - Uma visão Prospectiva**  
João Abel de Freitas (esgotado)
- DT 7  
Jul. 97 **O Comércio a Retalho Português no Contexto Europeu**  
Teresinha Duarte
- DT 8  
Out. 97 **Será a Globalização um Fenómeno Sustentável?**  
Vitor Santos
- DT 9  
Nov. 97 **Turismo Português - Reflexões sobre a sua competitividade e sustentabilidade**  
António Trindade
- DT 10  
Jan. 98 **União Europeia - Auxílios de Estado e Coesão Económica e Social - Tendências Contraditórias**  
Maria Eugénia Pina Gomes; Mário Lobo
- DT 11  
Mar. 98 **Cooperação Comercial - Uma Estratégia de Competitividade**  
Teresinha Duarte
- DT 12  
Maio 98 **Globalização e Competitividade - O Posicionamento das Regiões Periféricas**  
António Castro Guerra
- DT 13  
Maio 98 **Determinantes do Desinvestimento em Portugal**  
João Abel de Freitas
- DT 14  
Jun. 98 **O Panorama da Indústria Siderúrgica em Portugal**  
José Diogo Costa
- DT 15  
Jul. 98 **Turismo, o Espaço e a Economia**  
João Albino Silva
- DT 16  
**A Dinamização da Cooperação Interempresarial no Sector de Componentes de Automóvel: O Caso de Estudo ACECIA, ACE**

- Nov. 98 Catarina Selada; Teresa Rolo; José Rui Felizardo; Luís Palma Féria
- DT 17 **O Euro, o Dólar e a Competitividade das Empresas Portuguesas**
- Dez. 98 João Abel de Freitas; Sérgio Figueiredo; Vitor Santos
- DT 18 **Consumo Publicidade e Vendas Agressivas**
- Dez. 98 Ana Luisa Geraldes
- DT 19 **A História do Sector Automóvel em Portugal (1895-1995)**
- Fev. 99 Luís Palma Féria
- DT 20 **Mercosul: das Origens à Crise Actual**
- Abr. 99 Franklin Trein
- DT 21 **Mercosul: da Estrutura à Política comercial**
- Maió 99 Elivan Rosas Ribeiro
- DT 22 **Tendências Pesadas no Contexto Nacional e Internacional  
Quelques Tendances Lourdes du Contexte National et International** (Edição bilingue)
- Maió 99 Hugues de Jouvenel
- DT 23 **A Integração das Infra-estruturas Tecnológicas na Rede de Excelência para o Desenvolvimento da Indústria Automóvel em Portugal: Uma Metodologia de Avaliação**
- Jun. 99 Catarina Selada; José Rui Felizardo; Luís Palma Féria
- DT 24 **Mercosul: Perspectivas da Integração**
- Jul 99 Lia Valls Pereira
- DT 25 **O Papel da Pequena Empresa na UE  
Role of Small Businesses in the EU** (Edição bilingue)
- Ag. 99 Francesco Lanniello
- DT 26 **As Contrapartidas das Aquisições Militares instrumento de desenvolvimento económico**
- Fev. 2000 Luís Palma Féria
- DT 27 **A Nova Realidade do Euro e a Organização Mundial do Comércio - Algumas Reflexões**
- Maió 2000 António Mendonça; Carla Guapo Costa
- DT 28 **A Região da Catalunha**
- Jun. 2000 Isabel Barata; Aucendina Diogo
- DT 29 **Breve Caracterização da Economia Espanhola**
- Out. 2000 Isabel Barata; Aucendina Diogo
- DT 30 **As Relações da União Europeia com os Países da Europa Central e Oriental**
- Out. 2000 Nuno Gama de Oliveira Pinto

- DT 31 **Fluxos de Investimento Directo Portugal-Brasil: Uma Caracterização Geral**  
Jan. 2001 António Mendonça (Responsável); Manuel Farto;  
Elivan Ribeiro; João Dias; António Romão (Consultor)
- DT 32 **O Investimento Directo das Empresas Portuguesas no Brasil: Sectores, Tipo de Operação e Determinantes Fundamentais, 1996-1999**  
Jan. 2001 António Mendonça (Responsável); Manuel Farto;  
Elivan Ribeiro; João Dias; Miguel Fonseca;  
António Romão (Consultor)
- DT 33 **O Investimento Directo das Empresas Brasileiras em Portugal: Sectores, Tipo de Operação e Determinantes Fundamentais, 1996-1999**  
Jan. 2001 António Mendonça (Responsável); Manuel Farto;  
Elivan Ribeiro; João Dias; António Romão (Consultor)
- DT 34 **Têxtil e Vestuário - Deslocalização ou realocização?**  
Série GEPE • Dinâmicas Sectoriais  
Jan. 2001 Margarida Melo; Teresinha Duarte
- DT 35 **Turismo - Diagnóstico Prospectivo**  
Série GEPE • Dinâmicas Sectoriais  
Fev. 2001 Maria Luís Albuquerque; Célia Godinho
- DT 36 **O Calçado em Portugal**  
**Uma Análise da Competitividade**  
Série GEPE • Dinâmicas Sectoriais  
Fev. 2001 Margarida Melo; Teresinha Duarte
- DT 37 **Pasta e Papel em Portugal - Perspectivas para o Sector**  
Série GEPE • Dinâmicas Sectoriais  
Fev. 2001 Margarida Melo; Merícia Gouveia
- DT 38 **Metalurgia - Desafios ao Sector**  
Série GEPE • Dinâmicas Sectoriais  
Fev. 2001 Ângela Lobo; Maria Luís Albuquerque
- DT 39 **Máquinas e Produtos Metálicos - Cooperar para ganhar competitividade**  
Série GEPE • Dinâmicas Sectoriais  
Mar. 2001 Ângela Lobo; Maria Luís Albuquerque
- DT 40 **Produção de Vidro - Uma tradição nacional**  
Série GEPE • Dinâmicas Sectoriais  
Abr. 2001 Catarina Nunes; Célia Godinho
- DT 41 **Construção - O Desafio da Especialização**  
Série GEPE • Dinâmicas Sectoriais  
Abr. 2001 Catarina Nunes

